

Condição Pós-Humana como Condição Pós-Corpórea

Diego Calazans¹

Resumo:

Uma série de avanços tecnológicos, envolvendo a manipulação de genes, átomos, neurônios e bits, aponta para a possibilidade da superação de limitações corporais outrora vistas como inerentes à condição humana, tais como o envelhecimento, as doenças hereditárias, até mesmo possibilidades de uso, melhora e descarte do corpo. O corpo apresenta-se não mais como um fardo a suportar, ou como a própria identidade-essência que não se pode alterar, mas como uma posse do indivíduo, descolado dele como se o corpo fosse sua casca, armadura ou morada. Desse modo a tecnologia permite que esse corpo seja aprimorado geneticamente, mesclado a máquinas simbioticamente ou mesmo substituído por outro corpo ou por uma forma de existência pós-corpórea. Nosso trabalho analisa como o que se convencionou chamar de “condição pós-humana” é na verdade uma condição pós-corpórea.

Palavras-Chave: Pós-Humano, Pós-Corpóreo, Tecnociências

Posthuman Condition as Postcorporeal condition

Abstract:

A series of technological advances, involving the manipulation of genes, atoms, neurons and bits, points to the possibility of over-

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe e professor colaborador voluntário do Departamento de Comunicação Social da mesma universidade. Emai: diego_calazans@yahoo.com.br

coming physical limitations once seen as inherent to the human condition, such as aging, inherited diseases, even possibilities of use, improve and dispose of the body. The body presents itself not as a burden to bear, or as the very essence of identity, that you can not change, but as a possession of the individual, just linked to it as if the body was its hull, armor or address. Thus the technology allows this body to be genetically enhanced, merged symbiotically machines or even replaced by another body or form of a post-corporeal existence. Our work looks at how the so-called “post-human condition” is actually a post-corporeal condition.

Keywords: Posthuman, Postcorporeal, Tecnosciences

Introdução

O presente artigo é fruto de minhas análises iniciais sobre a questão da pós-humanidade, tema da tese que estou desenvolvendo. A tese abordará o imaginário pós-humanista a partir da análise da obra de um artista contemporâneo que se propôs a sistematizar, em seu trabalho *multimídia*, as ideias dessa corrente de pensamento em forma de narrativas sobre um futuro possível em que as promessas tecnocientíficas referentes à superação artificial da condição humana fossem cumpridas. Nossa primeira incursão no tema resultou nesse artigo, que busca explicar o que vem a ser a condição pós-humana e como ela está associada a uma nova relação com o corpo.

No momento em que esse artigo é escrito, cientistas em todo o mundo dedicam tempo, talento e recursos à busca de soluções tecnocientíficas para problemas que têm afetado toda a humanidade desde, pelo menos, o momento em que esta tomou consciência da morte e passou a perceber a si mesma como dividida em uma dimensão psíquica e uma corpórea. A maior parte desses problemas a serem resolvidos associa-se à inevitável degradação de nosso corpo. A percepção dominante no Ocidente dita que cada ser humano é composto por uma forma física perecível

que abriga uma consciência imaterial. Essa percepção da mente que habita a carne ganhou sua formulação filosófica mais significativa no dualismo cartesiano, segundo o qual mente e corpo atuam em dimensões distintas.

Ao longo da história do pensamento, a mente passou a ser vista como a essência de cada pessoa, enquanto o corpo nada mais era do que uma condição desagradável, mas provisória. Com a morte, muitos creem, a mente enfim se liberta e atinge seu verdadeiro potencial. Dessa forma, o desconforto gerado pela inadequação da mente ao corpo e pela perda de potencial em decorrência das limitações de sua morada orgânica é fonte de uma angústia que tem alimentado relatos associados ao imaginário, sobre metamorfoses, projeções astrais e imortalidades incorpóreas. O corpo se degrada e, em sua decadência, enfrenta doenças, envelhecimento e morte. A mente não raro sente-se aprisionada a essa carne em decomposição e busca fugas possíveis. Tanto os mitos quanto, até mesmo, as promessas mais plausíveis das tecnociências do pós-humano estão ancorados no mesmo cais: a angústia da mente, a princípio imperecível, ante um corpo que apodrece lentamente.

O Pós-Humano

Entre as pesquisas desenvolvidas pelos cientistas estão a busca por formas de “curar” o envelhecimento, pela eliminação pré-natal (ou por terapia genética) de doenças hereditárias, pela ampliação artificial das capacidades inatas da espécie, pelo transplante da consciência humana das sinapses cerebrais para um ambiente virtual gerado por computadores em rede, pelo acoplamento bem sucedido de máquinas em tecidos vivos, bem como pela ressurreição dos indivíduos cujos cadáveres são mantidos conservados através de criogenia.

Diversas outras pesquisas em curso inserem-se nesse mesmo conjunto de preocupações. Todas apontam para o anseio de

superar, através das tecnociências, a condição humana como a conhecemos, isto é, como condição limitada pelas possibilidades restritas do corpo, dando início ao que poderíamos chamar de existência pós-humana. Tomamos esta como uma existência pós-corpórea; não porque seja necessariamente uma existência fora do corpo, mas por ser uma existência na qual o corpo já não é visto como identidade ou como destino, mas como propriedade, sujeita como tal a reformas, ampliações e descarte.

Certas tecnociências estão claramente a buscar essa nova era, pós-humana. Segundo Santaella (2003), estariam a brotar dessas pesquisas formas sencientes pós-biológicas, criadas pela junção do corpo orgânico a elementos maquínicos. As nanotecnologias dariam o disparo a tal processo. Graças à elaboração de construtos desenvolvidos em escala atômica, a interação entre o orgânico e o sintético aos poucos alcança uma imbricação jamais vista, de modo a forçar uma ruptura da clássica divisão ontológica entre o humano e a máquina. Humanos e máquinas tendem a confundir-se.

Se levarmos em questão apenas essa ruptura já teremos um problema considerável: a perda de dicotomias fundamentais, nas quais têm se baseado boa parte das cosmovisões em conflito. Sem separações consagradas, como as entre vivo e não-vivo, humano e máquina, até mesmo homem e mulher (a cessar numa potencial sociedade pós-gênero), como certos castelos de carta ideológicos se sustentariam? E quais seriam as consequências de sua ruína? No mínimo, mostra-se cada vez mais iminente um curioso cenário de intensos debates sobre fundamentos lógicos, estéticos e éticos.

Humanos e Máquinas

As tecnociências que buscam o pós-humano não apenas maquinizam cada vez mais os humanos, como também desenvolvem máquinas cada vez mais humanas. De acordo com Pepperell (2003), “máquinas complexas são uma forma emergente de vida”. Uma

vida artificial composta de silício e bits, em vez de carbono e alma. Vidas que poderiam adquirir consciência (trabalha-se abertamente com esse fim em mente) e reivindicar direitos. Como nos lembra Moravec (1992), nós, os humanos, somos, por princípio, mais limitados, dentro de nossa atual condição, do que tendem a ser as máquinas inteligentes que estamos a construir.

No entanto, a perspectiva de que sejam moldados andróides suficientemente complexos para fugir ao controle de seus criadores permanece ainda no campo da especulação. Por outro lado, a hibridização entre os compostos orgânicos e mecânicos, ensaiada pela robótica, com próteses mecânicas e nanorrobôs, tem apontado cada vez mais para o desenvolvimento de novas formas de ser humano, com a ascensão daquilo que se convencionou chamar de “ciborgue” (KURZWEIL, 2002). Esse novo indivíduo já estaria para além da condição humana, no trans-humano, que vem a ser a ponte entre o humano e o pós-humano para os defensores do que se convencionou chamar de “transumanismo” (cf. BOSTROM, 2003), um ramo do pensamento pós-humanista que deixou de lado qualquer consideração sobre a deseabilidade da condição pós-humana para abraçar a superação tecnocientífica das limitações do corpo como uma causa quase sagrada.

Embora tal simbiose entre carbono e silício ainda não tenha alcançado a proporção devida para chamar a atenção da “opinião pública”, já existem ciborgues em formas menos radicais do que o homem-máquina com o qual filmes, quadrinhos e séries de TV nos acostumaram, como o Robocop, o super-herói Ciborgue (da DC Comics) e a Mulher Biônica. As simulações digitais que milhões de seres humanos usam para trocar informações na internet, por exemplo, já constituem, em si, uma forma de hibridização entre o humano e o mecânico, podendo ser considerado, assim, que a relação entre uma pessoa e seu avatar virtual gera um tipo sutil de ciborgue.

Estamos nos direcionando a novas configurações corporais, formando um novo corpo, “biocibernético”, que mescla nossa base

orgânica a extensões inorgânicas – das quais o computador conectado à rede, é um exemplo contemporâneo claro. Assinala-se ainda, na substituição ou aprimoramento de partes orgânicas por extensões inorgânicas, a possibilidade de formas de existência pós-corporais, como bem apontado pelo extropianismo (cf. MORE, 1990), uma das mais conhecidas e controversas vertentes do pensamento transumanista.

Tecnociências do Pós-Humano

Segundo Santaella (2003), as tecnologias que estão contribuindo para a extensão das capacidades humanas, formando a vanguarda da aurora pós-humana, são: a realidade virtual, a comunicação global (particularmente a internet), a protética, a nanotecnologia, as redes neurais, os algoritmos genéticos, a manipulação genética e a vida artificial. Dessas, como já dissemos, a nanotecnologia é a principal. Além de auxílio indispensável às demais, apresenta ainda a possibilidade de serem construídas máquinas menores que uma célula, que podem agir no corpo humano com mais eficiência do que anticorpos, representando uma forma inédita de simbiose.

A nanotecnologia consiste na manipulação de elementos em escala nanoscópica, isto é, em dimensões próximas a um bilionésimo de metro (10^{-9} m). Mais do que uma tecnociência à parte, ela consiste em uma ferramenta para aprimoramento de tecnociências já existentes, como a engenharia genética e a robótica. Uma das oportunidades e dos desafios da nanotecnologia é lidar com as alterações que certas substâncias apresentam em suas propriedades quando manipuladas nessa escala. Um metal inofensivo em escala padrão pode tornar-se altamente tóxico quando manipulados em escala nanométrica. Em alguns casos, por outro lado, há um aumento significativo na eficácia de certos produtos; como remédios, por exemplo.

Nessa dimensão, o medicamento pode ser transportado pelo corpo e ativado apenas quando em contato com microorganismos nocivos ou células defeituosas, garantindo redução sensível de efeitos colaterais e maior eficácia do tratamento. Todavia, produtos em tal escala também são mais difíceis de controlar, em particular quando se trata de sua toxicidade. O corpo não consegue impedir a entrada de substâncias que sejam menores do que seus filtros podem interceptar. Dessa forma, é quase certo que um produto feito para agir na pele chegará à corrente sanguínea, trazendo consequências imprevistas.

Dá-se o nome de nanopartículas aos elementos em escala nanoscópica. Quanto à sua origem, existem três tipos de nanopartículas: as de origem natural, as de origem humana não intencional e as intencionalmente projetadas. Sobre os dois primeiros tipos, pouco se pode fazer e não nos parecem oferecer grandes ameaças, uma vez que convivemos com eles desde, pelo menos, o início do uso do fogo pela humanidade (cf., p.ex., SCHULZ, 2009). É sobre as nanopartículas intencionalmente geradas que repousa grande parte das considerações éticas dessa tecnociência.

A nanotecnologia funciona como um catalisador do avanço de outras tecnociências. Graças a ela, é possível manipular os genes de embriões para selecionar as características genéticas a serem preservadas ou descartadas. Também torna possível à robótica a construção de próteses mecatrônicas diretamente conectadas ao sistema nervoso do usuário, garantindo assim o controle cerebral do membro metálico. Para a tecnologia da informação também a nanotecnologia surge como condição indispensável do desenvolvimento de chips com memória e velocidade em crescimento exponencial.

Não é à toa, portanto, a ênfase que damos à nanotecnologia nesse trabalho. Se foi graças à microtecnologia que a robótica saltou das fábricas automotivas para os lares ao longo das últimas décadas do século XX, há quem aponte que será graças à nanotec-

nologia que a mesma robótica não apenas deixará de produzir robôs limitados a atos repetitivos previstos na programação original para desenvolver andróides capazes de processar as informações do ambiente de modo a adaptarem seu comportamento, indo além de sua programação básica, como também fará esses mesmos robôs com autonomia aumentada saltarem das casas das pessoas para dentro de seus corpos.

A realidade virtual soma-se à internet na perspectiva de deslocar a consciência de sua base corporal, ainda que apenas momentaneamente, como num sonho lúcido ou em uma jornada mística. As redes neurais, também tornadas possíveis graças à nanotecnologia, são sistemas computacionais gerados como uma matriz de neurônios interconectados; o objetivo é dar às máquinas a capacidade de aprender. A vida artificial, por sua vez, é um programa de computador que objetiva criar, em um espaço virtual, organismos digitais capazes de simular funções orgânicas, como crescimento, alimentação e morte.

A manipulação genética é, dentre as tecnologias elencadas, a que mais tem despertado interesse e exaltações dos grupos de pressão, uma vez que ela apresenta a possibilidade de gerar organismos artificiais com características sob demanda, inclusive seres humanos. A prótese e a robótica, por sua vez, somam-se na busca de substitutos ou aprimoramentos mecânicos para membros perdidos ou doentes (ou mesmo membros saudáveis, cuja potência pode ser aumentada através de exoesqueletos, por exemplo); às vezes, até mesmo substituir ou auxiliar órgãos, como o coração. Também está na robótica, quando somada às redes neurais, a possibilidade de engendrar máquinas com sensibilidade e consciência.

Todas essas tecnociências estariam convergindo, segundo, entre outros, Roco & Bainbridge (2002). Essa convergência apontaria para um possível salto evolutivo da espécie humana. A esse salto iminente, Vinge (2003) chamou de “singularidade tecnológica”.

O conceito é empregado no sentido de uma potencial revolução tecnocientífica que resultaria em avanços significativos ocorrendo muito rapidamente e em cadeia, com um avanço em um setor contribuindo para avanços em outros. Ainda que a ideia de singularidade tecnológica não seja ponto pacífico entre os que tentam traçar o futuro das tecnociências, ela segue tendo bastante popularidade entre os, assim chamados, “tecno-gurus”. A singularidade apresenta-se claramente como uma ideia de forte cunho messiânico, deslocando a esperança coletiva pelo fim do sofrimento e pelo abraço da imortalidade do terreno da especulação mística para o da tecnocientífica.

Pós-Humanismo

O pós-humanismo, movimento filosófico e cultural que primeiro apontou para a possibilidade do pós-humano, surgiu no bojo das contestações culturais abrigadas sob o movimento conhecido como pós-modernismo. Consistia, basicamente, em uma crítica ao antropocentrismo. Seus primeiros defensores foram os militantes da causa animal, preocupados com as limitações do humanismo moderno (cf., p.ex., BADMINGTON, 2003). Num segundo momento, outros pensadores resolveram abraçar o nascente pós-humanismo como um modo de quebrar algumas dicotomias fundamentais, em especial a separação rígida entre humano e não-humano.

Entre os preceitos desse pós-humanismo ascendente estava uma nova compreensão do corpo, não mais como destino, e sim como prótese, uma interface de carne a conectar a mente ao ambiente. Por um lado, essa compreensão levaria a uma valorização da face expressiva da corporeidade, tomando-se o corpo como expressão do universo psíquico de seu “usuário”; sendo preciso, desse modo, encontrar formas de modificar o corpo de acordo com a personalidade de quem o usa, mais ou menos como é feito em relação às roupas. Por outro, o corpo passou a ser visto por

alguns como um modelo ultrapassado, que deveria ser substituído por uma interface maquina ou pela total incorporeidade de uma existência imaterial no ciberespaço.

O Corpo como Propriedade

Segundo Baudrillard (2007), conforme a economia nos países centrais abraçou uma nova lógica acumulativa calcada na especulação e na fluidez do capital, o foco dos comportamentos valorizados nessas sociedades abandonou a ética ascética do trabalho, com acumulação mediante o adiamento dos prazeres, que tanto auxiliou a fase industrial do capitalismo, para voltar-se em direção à ética hedonista do consumidor, com o estímulo ao acúmulo de prazeres efêmeros e a busca incessante pelo sempre novo (cf. também LIPOVETSKY, 1989).

O consumo passou a ser o centro da vida psicossocial, sendo a própria percepção de si e dos outros apontada em uma ou outra direção pela aparência pessoal, mediante uma leitura apressada das vestimentas, corte de cabelo, adereços, andar e linguagem, tornando símbolos reconhecíveis para quem está inteirado com os mais recentes modelos identitários estereotipados (ainda que abertos a customização). A aparência é valorizada como forma de expressão. A identidade, como marcas de ligação aos grupos aos quais a pessoa pertence, deve ser captada em um rápido olhar. A ânsia por adequar o superficial ao profundo, o corpo ao espírito (tomado aqui no sentido da dimensão psíquica), leva ao anseio por modificar esse corpo para que ele, por assim dizer, se molde ao espírito.

Através de regimes alimentares, exercícios físicos ou mesmo intervenções cirúrgicas, cada vez mais pessoas preocupam-se em tornar seus corpos uma forma mais adequada de expressão de seu modo de ser. Não são raros os que recorrem a modificações corporais extremas, como alterações na orelha, na língua, nos olhos, no nariz, entre outras, na tentativa de adequar seu corpo a

sua personalidade. Esse recurso não é recente nem está limitado aos ocidentais.

Há registros de sociedades em que se promove o alongamento dos pescoços, a deformação dos pés, o aumento dos lábios, a proliferação de cicatrizes ou mesmo a mutilação dos clitóris. Entretanto, nas sociedades centrais contemporâneas – e aí é possível incluir até mesmo as metrópoles de países semiperiféricos, como o Brasil – há um novo sentido para essas transformações. Nelas, cada indivíduo modifica seu corpo, dentro de amplos limites legais, de acordo com a própria vontade e o bolso. Nelas, a modificação corporal extrema não é vista como uma obrigação coletiva, mas como um direito individual. Uma possibilidade aberta ao desejo.

O corpo não é mais visto como aquilo que o indivíduo é, mas simplesmente como algo que o indivíduo tem, algo de que dispõe, algo que usa. O corpo não é mais visto como o destino inevitável, mas como mero “acidente de percurso”, como contingência, não raro como um erro que pode ser corrigido através de intervenções tecnocientíficas. Ao ser visto como propriedade, o corpo passa por uma nova desvalorização, semelhante à propagada pelos gnósticos, para os quais o corpo não era apenas a morada da alma, mas sua prisão (cf. KRUEGER, 2005). Essa desvalorização assume a forma de uma insatisfação com o corpo “que se tem”, que leva a um anseio por modificar, aprimorar ou descartar o corpo, como um usuário o faz com seu computador antigo.

Nas sociedades centrais contemporâneas, a insatisfação quanto ao corpo assume uma forma difusa e ambivalente. Pode se apresentar como uma tentativa de aprimorar esse corpo até o auge de seu desempenho ou customizá-lo para que expresse adequadamente a personalidade de seu “usuário” (PIRES, 2005) ou como um desprezo que tem suas raízes na repulsa à dimensão material da existência, propagada originalmente pelo gnosticismo, e que se manifesta através do anseio por abandonar a “prisão da carne” e habitar um mundo puramente espiritual, no caso

um paraíso cibernético composto por uma rede de computadores capazes de gerar um espaço que possa abrigar consciências transformadas em *softwares* (LE BRETON, 2007).

Essas possibilidades em parte estão dadas, em parte são supostas a partir dos avanços das tecnociências e, de modo mais claro, pelas esperanças alimentadas por especuladores que se valem da deficiência de informação sobre o estado atual das tecnociências para vender promessas não raro vistas por cientistas e tecnólogos como, para dizer o mínimo, bastante remotas.

Condição Pós-Humana

Na segunda metade do século passado, um grupo de pensadores chegou à conclusão de que o avanço das tecnociências tornaria possível o que tem sido ao longo de milênios um dos grandes desejos da humanidade: ultrapassar as limitações de sua condição corpórea – orgânica, material, perecível.

À medida em que as tecnociências poderiam levar ao aprimoramento contínuo da humanidade, em algum tempo os indivíduos aprimorados já não poderiam mais ser considerados humanos, constituindo assim outras espécies derivadas dos humanos (HOOK, 2004). É a esses indivíduos imaginários, que abandonariam o inferno da humanidade em um futuro não muito distante, que se convenciou chamar de “pós-humanos”. De acordo com Katherine Hayles, em seu “How we became posthuman”, são quatro as premissas principais da definição do pós-humano:

(1) o privilégio do modelo informacional sobre a instanciação material, pelo que a encarnação num substrato biológico é vista como um acidente da história e não como uma inevitabilidade da vida;

(2) a consideração da consciência (entendida como a sede da identidade humana na tradição ocidental desde muito antes de Descartes) como um epifenômeno, como um elemento anivista que pretende afirmar um protagonismo que efetivamente não tem;

(3) o entendimento do corpo como prótese original que todos aprendemos a manipular, de tal forma que a extensão ou mesmo a substituição do corpo por outras próteses se torna apenas a continuação de um processo prévio ao nascimento; (4) a configuração do ser humano como perfeitamente articulável com máquinas inteligentes, não se reconhecendo quaisquer diferenças essenciais ou demarcações absolutas entre a existência corpórea e a simulação computacional, entre o mecanismo cibernético e o organismo biológico, entre a teleologia robótica e os objetivos humanos (*apud* FERNANDES, 2007, pp.87-88).

Em outras palavras, 1) o corpo é obsoleto (como afirmará incessantemente o artista performático Stelarc), 2) não existe alma imortal, 3) o corpo é descartável e 4) não há separação ontológica entre humano e máquina, ambos compartilham a mesma natureza ontológica. Já vimos, contudo, que a insatisfação com o corpo pode se manifestar como anseio por sua modificação extrema em vez de pelo desejo de abandoná-lo. Para Hayles, contudo, a fase pós-humana seria marcada pelo total desprezo do corpo, de sua condição orgânica, e consequente valorização da máquina.

Conforme as tecnociências avançam rumo aos elementos constituintes de humanos e máquinas, elas acabam por derrubar as fronteiras fundamentais que separavam essas duas formas de existência. Se a princípio, a insatisfação com o corpo na contemporaneidade manifesta-se através da ânsia por modificar esse corpo, por torná-lo mais adequado aos modelos vigentes de perfeição ou aos desígnios expressivos do indivíduo, a tendência é de que, conforme as tecnociências do pós-humano avancem em direção a uma maior simbiose humano-máquina, o modelo de aprimoramento orgânico seja desvalorizado ante a agora possível ciborguização radical da humanidade, com a formação de indivíduos cujas partes maquinais e orgânicas sejam inseparáveis.

Num momento posterior, conforme as mesmas tecnociências tornem possível o abandono total do corpo, a insatisfação com o corpo apontará esse caminho como desejável e muitos preferi-

rão transplantar suas mentes para andróides ou ambientes computacionais. Não são os avanços tecnocientíficos que, ao garantir a possibilidade, geram a necessidade, nesse caso, de descartar o corpo. Esses avanços, quando muito, apenas garantiriam aos insatisfeitos com o corpo a possibilidade, antes inexistente, de substituir sua morada original por uma nova. O mercado já está formado, esperando as inovações certas. A demanda existe há milênios; não seria preciso muito para convencer os possíveis consumidores a gastarem quando for preciso para satisfazer um desejo tão antigo – sobre o qual, lembremos, colossais construções imaginárias foram erguidas.

Diante do desprezo pelo corpo vindo dos que desejam a comunhão definitiva com a máquina, alguns pensadores reagem afirmando o corpo, apontando nele uma importância que lhe vem sendo negada há séculos entre os principais filósofos do Ocidente. Michel Serres (2004), por exemplo, ressalta a indissociabilidade entre o corpo humano e sua mente ao afirmar que “o que nos distingue das máquinas é unicamente nossa carne divina; a inteligência humana se distingue da artificial apenas pelo corpo”. Dessa forma, o corpo não é algo obsoleto; pelo contrário, o corpo é o que nos impediria de nos tornarmos nós mesmos obsoletos, uma vez reduzidos à condição de máquinas incorpóreas.

Outro autor a reforçar a indissociabilidade corpo-mente é John Searle (2007). Segundo ele, seria infundada a pretensão de separar a mente do corpo, uma vez que o cérebro seria condição indispensável para a consciência, dessa forma o corpo (ainda que apenas parte dele) é responsável pela mente, não apenas uma capa que lhe garante materialidade. Dessa forma, estaríamos impossibilitados de seguir o que, para os tecnocráticos, seria nosso inevitável destino. A mente jamais poderia abandonar o corpo, pelo menos não o cérebro.

Uma das críticas aos pós-humanistas que desprezam o corpo é que suas concepções do corpo estão contaminadas por suas

concepções das máquinas, de modo que se torna esperado que vejam o corpo como uma forma de máquina. Como aponta Rüdiger (2007, p.10):

Conforme os estudiosos do fenômeno têm observado, o pós-humano significa (...) muito mais do que dispor de próteses acopladas ao corpo: significa nos ver como máquinas processadoras de informação, significa nossa subjugação ao pensamento tecnológico da atualidade, o pensamento cibernético.

A condição pós-humana faz do corpo um produto a ser melhorado ou descartado. Se antes a mercantilização do corpo limitava-se à alienação de seu uso mediante uma troca comercial, como se vê no caso da prostituição e da contratação de mercenários, por exemplo, com o avanço das tecnociências do pós-humano o corpo passa a ser visto como uma posse da alma que o habita, podendo ser aprimorado ou substituído conforme o interesse do proprietário.

Essas tecnociências, ao menos em teoria, já permitem que esse corpo seja geneticamente aprimorado ou mesclado a máquinas simbioticamente. Alguns esperam que elas sejam capazes de retirar a mente de seu corpo para inseri-la em outro corpo ou mesmo para garantir a ela uma forma de existência pós-corpórea. O anseio por tal forma de existência, contudo, já está presente.

Sociologia e Pós-Humano

As possibilidades apontadas pelos analistas do pós-humano, não sem certa euforia ou mesmo histeria da parte de alguns, são tratadas, por parte da comunidade científica, como nada mais do que “tecno-hipérboles”, isto é, exageros imaginários em relação às verdadeiras possibilidades das tecnociências. Como bem aponta Winner (2002, p.27):

Enquanto muitos cientistas e tecnólogos que atuam em biotecnologia, inteligência artificial, robótica, simbiose homem-máquina, e campos simi-

lares satisfazem-se com descrições modestas de seu trabalho, cada um desses campos tem gerado nos últimos tempos auto-proclamados futuristas visionários, a apresentar imagens muito mais exóticas do que está em jogo – mudanças vastas, de impacto global, que se apresentam como iminentes. Coloridos o bastante para serem atraentes para a mídia de massa, os campeões do pós-humanismo surgiram como relevantes publicitários para os seus campos científicos, aparecendo nas listas de mais vendidos, assim como programas de entrevista no rádio e nas televisão, para anunciar uma era de transformações surpreendentes [tradução nossa].

O imaginário pós-humanista pode ser visto como uma forma contemporânea de enfrentamento simbólico da finitude. Os mitos da panaceia (cura de todos os males), da juventude eterna e da imortalidade ganham novas leituras numa era em que criogenia, clones artificialmente amadurecidos, sistemas nanoscópicos de *drug delivery*, robôs humanoides e avatares virtuais oferecem nova esperança para o que jamais teve solução. Como diz Felinto (2006, p.116): “Toda tecnologia, mais que simples artefato material, é um depósito de sonhos, fantasias e expectativas sociais”. Toda tecnociência traz em si os germes do imaginário, que nela deposita certas esperanças compartilhadas.

As tecnociências do pós-humano são significativos objetos de consideração sociológica. Não apenas pelas transformações sensíveis que determinam na organização social graças às novas possibilidades de percepção e comunicação que elas garantem, mas também por serem peças-chave tanto da geopolítica global como das micropolíticas cotidianas. Um exemplo dessa relevância é o nível de investimentos em nanotecnologia, da ordem dos bilhões de dólares anuais, e a percepção de que o setor é vital para certas estratégias a médio prazo das nações, em particular quando se trata de busca por competitividade e inovação.

Nosso trabalho, contudo, não tem por finalidade analisar essas tecnociências do ponto de vista da política econômica, e sim através de uma análise de sua face cultural. Essa face mostra-se de modo mais claro na formação de um imaginário social associado a uma série de possibilidades vislumbradas por pensadores a partir das considerações de cientistas e tecnólogos envolvidos com as tecnociências do pós-humano, em especial suas áreas mais teóricas ou abstratas.

Esse imaginário, a que denominamos “imaginário social pós-humanista”, a partir de Felinto (2006), é difundido através de revistas de divulgação científica, entrevistas em jornais e revistas, livros de grande tiragem e obras de ficção. Seu princípio é a crença de que os limites corporais que sempre foram indissociáveis da condição humana – inclusive a mortalidade – podem ser superados através de avanços tecnocientíficos. O primeiro ponto a se considerar, portanto, é que tal imaginário aponta para uma considerável confiança no potencial das tecnociências para a salvação da humanidade, que só encontra paralelo nas diversas formas na esperança messiânica.

Todo imaginário é composto a partir de angústias socialmente compartilhadas que dão origem a uma ânsia por libertar-se do fardo suposto através dos meios que o grupo considera os mais eficazes para tanto. Ao analisar o imaginário social pós-humanista estamos analisando não apenas a face cultural das tecnociências do pós-humano, mas também uma das principais dimensões da sensibilidade social contemporânea.

A importância do tema reside também em sua abordagem escassa nas ciências sociais. Poucos estudos abordam o imaginário social das tecnociências. O imaginário social pós-humanista, em particular, é bastante abordado pela filosofia e pela comunicação, mas pouco estudado pelas ciências sociais. Trata-se de um tema complexo cuja análise devida pode abrir um novo espaço para debates.

Referências Bibliográficas

- BADMINGTON, N. *Theorizing Posthumanism*. In: Cultural Critique - 53, Winter 2003, pp. 10-27. University of Minesota Press. Disponível no site http://muse.jhu.edu/login?uri=/journals/cultural_critique/v053/53.1badmington.html. 2003.
- BAUDRILLARD, J. A Sociedade de Consumo. 2a Ed. Lisboa: Edições 70. 2007.
- BOSTROM, N. *The Transhumanist FAQ – A General Introduction. Version 2.1*. Disponível no site <http://www.transhumanism.org/resources/FAQv21.pdf> 2003.
- FELINTO, E. *O pós-humano incipiente: uma ficção comunicacional da cibercultura*. In: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.29, n.2, p. 103-118, jul./dez. 2006. Disponível para download no site <http://www.portcom.intercom.org.br/ojs-2.3.1-2/index.php/revistaintercom/article/viewFile/215/208> 2006.
- FERNANDES, A. *Teorias Pós-Humanas e Estudos Literários*. In: ARAÚJO, H. P. & FARIA, L. L. (coord.) *Tecnologia: Tecnologia e Sociedade: Tecnologia, Humano e Pós-Humano*. Lisboa: Universidade Católica Editora. 2007.
- HOOK, C. *Transhumanism and Posthumanism*. In: POST, S. G. *Encyclopedia of Bioethics* (3rd ed.). New York: Macmillan. pp. 2517-2520. Disponível no site <http://gale.cengage.com/pdf/samples/sp657748.pdf> 2004.
- KRUEGER, O. *Gnosis in Cyberspace? Body, Mind and Progress in Posthumanism*. In: Journal of Evolution and Technology. Vol. 14. Agosto 2005. Disponível para download pelo site <http://jetpress.org/volume14/krueger.pdf> 2005
- KURZWEIL, R. *We are becoming cyborgs*. Disponível para download no site <http://www.kurzweilai.net/we-are-becoming-cyborgs> 2002.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papirus. 2007.
- LIPOVETSKY, G. *Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
- MORAVEC, H. *Homens e Robots: o futuro da inteligência humana e robótica*. Lisboa: Gadiva. 1992.
- MORE, M. *Principles of Extropy*. Disponível para download através do site <http://extropy.org/principles.htm> 2003.
- NOVAIS, A (org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. SP: Cia. das Letras. 2003.
- PEPPERELL, R. *The Posthuman Manifesto*. Disponível no site <http://www.robertpepperell.com/Posthum/cont.htm> 2003.

PIRES, B. F. *O Corpo como Suporte da Arte*. São Paulo: Senac. 2005.

ROCO, M. & BAINBRIDGE, W. *Converging Technologies for Improving Human Performance: nanotechnology, biotechnology, information technology and cognitive science. NSF/DOC-sponsored report*. Disponível em <http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/> 2002.

RÜDIGER, F. *Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo*. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Edição de Abril 2007. Disponível para download no site <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/145/146> 2007.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus. 2003.

SCHULZ, P. *A encruzilhada da nanotecnologia*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent. 2009.

SEARLE, J. *Liberdade e Neurobiologia*. São Paulo: Unesp. 2007.

SERRES, M. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

WINNER, L. *Are humans obsolete?* Disponível para download no site http://www.virginia.edu/iasc/HHR_Archives/Technology/4.3DWinner.pdf. 2002.

Recebido em 19.10.2011.

Aprovado em 29.11.2011.

